

EU SEMPRE ESTIVE AQUI

A manhã de chuvisco espicha a dormência na cama; permaneço enrodilhado no torpor entre as memórias da infância, que se tornaram recorrentes e os traumas de guerra, que não me abandonam. Nos últimos anos já não tenho sonhos ao dormir ou se sonho não os retenho ao acordar. O que me revigora são os devaneios... Estes me empurram para o mistério de nunca me revelar desnudo nem me deixar escondido por completo; o que sobeja em reminiscências longínquas, escamoteia-se em lapsos de lucidez presente. O corpo inerte envelado no redemoinho de uma imperfeita impermanência. Até o momento da primeira micção.

Então, apoio-me na beirada do colchão, alcanço o copo com água amanhecida e encho a palma em concha com um punhado colorido de comprimidos matinais. A mão treinada alcança as muletas no lugar exato entre o vão do aparador e a cabeceira da cama, calço as pantufas puídas e sem acender a luz andejo corcoveando até o banheiro. O vitrô quebrado traz a lufada gelada do inverno prematuro, isto não inibe o fôlego da costumeira caminhada. A marcha trôpega, antes de sorver o primeiro gole de café, faz parte da disciplina da juventude mantida ao longo da vida num ritual espartano; e isto, agora me garante o ordenamento da sobrevida madura. Quando ambos os braços são instrumentos de percurso, o uso do guarda-chuva se torna um inconveniente superado pela capa impermeável com o capuz atado rente ao pescoço e o velho par de galochas que nunca resmunga.

De maneira sutil, mas incontornável, paira no ar uma sensação de estranhamento que me provoca grande desconforto. Sem conseguir fugir do prenúncio, arrasto-me pé ante pé cravando estacas imaginárias na trilha, que identificam com precisão o percurso da minha rotina. Necessito da certeza das coisas miúdas sob meu inteiro e absoluto comando, a repetição do método me garante o controle. Nisto, é que me anoro para afugentar os assombros rondando a mente ociosa e o aceno da contagem regressiva.

Atravesso a viela de casas caiadas de branco e janelas azuis e cruzo a vereda sem vestígios em direção ao lago. Confiro a talhada de pão murcho na algibeira. Algumas passadas antes de chegar ao banco de madeira, onde me sento para alimentar os pássaros, estanco e vejo alguém ocupando meu

lugar. A neblina não ofusca o inconveniente da presença. Ele está lá, cabelos cor de fogo, sardas salpicadas pelo rosto pálido, ombros arqueados em postura de abandono. As roupas apertadas destoam do tamanho do corpo e o desalinho ignora a umidade da estação, as botinas folgadas parecem não pertencer ao dono. O menino de idade incerta, sem desviar o olhar vasculhador, sincroniza o espelhamento dos meus gestos, enquanto dirige - me a palavra numa conversa de gente alfabetizada:

— Você parece acabrunhado. Confuso. Tudo ainda dói um pouco.

— Eu, confuso? Dói o quê?

— As galochas com os pés trocados... Os estilhaços pelo corpo, as cicatrizes da coxa.

Antes de abaixar a cabeça para conferir o ato falho, escrutino o moleque com apuro inquisitivo e constato a surpreendência de que nele nada se molha, apesar da garoa fina.

— Você tem andado por ai assuntando boatos sobre minha história de veterano? Não acredite em tudo o que inventam na taverna.

— 1944, Itália, você abandonou o campo de batalha com fratura exposta na coxa esquerda, estilhaços pelo tórax e rosto, e, se apresentou ao 6.º Regimento de Infantaria: — Sargento Giuseppe Volpeto, primeiro pelotão da linha de fogo, ferido em combate na região de San Polo d'Enza, em emboscada inimiga.

O estremeamento percorre vertiginoso do couro cabeludo, formiga coluna abaixo, até golpear um coice na perna prejudicada... O que mais me constrange não é a intimidade quase promíscua revistando com exatidão invasiva cada detalhe; o que me devora é o tom confessional do enigma que sai em sussurros da boca - esfinge. — De onde você me conhece?

— A verdade é que eu sempre estive aqui. Em cada escolha, cada acerto. Ah! Mas a realidade é que eu nunca consegui partir. Nas cambalhotas, nos estorvos, no revés. Eu sempre estive aqui. Percebo que o tempo de revelações precede à hora que se avizinha...

ESPELHO